

PENSAMENTOS

DA SEMANA

Uma causa, que tem por si uma imprensa forte, é uma causa vencida.

Um jesuíta discursando num banquete maçónico

Um dos mais brilhantes semanários do nosso país inseria o seguinte local... que publicamos tal e qual:

Os maçães aclamam um teólogo católico

Com este título relata um jornada católica o curioso facto seguinte:

A « Suprema Loja Maçónica », de Los Angeles, Califórnia, convidou o Padre Hugh Duce, S. J. Presidente da Universidade Loyola, para ser o principal orador, por ocasião dum banquete da maçónia, realizado, naquela cidade no dia 1.º de maio.

O illustre filho de Santo Inácio aceitou o convite e falou largamente sobre as encíclicas « Rerum Novarum » e « Quinquagesimo Anno » de Leão XIII e de Pio XI.

Disse-lhes que os católicos e não católicos tinham obrigação de trabalhar pela restauração da justiça social, segundo os princípios fundamentais da economia cristã, única capaz de resolver a questão económica.

O facto — disse o jesuíta — de que 1 por cento do povo dos Estados Unidos possui 59 por cento da riqueza do país; que se encontram quasi em toda a nação cerca de 11 milhões de desempregados; e que ha, nesta república, mais de 250.000 rapazes, no vigor da vida, sem trabalho, vivendo como párs ou vagabundos, é para fazer pensar a todos seriamente sobre o dia de amanhã.

« Estamos vivendo sobre um vulcão, que pode rebentar quando menos imaginarmos.

« É necessário que o trabalho e o capital se unam mutuamente e cooperem para o bem comum.

« O capital — acrescentou o Padre Duce — terá de contentar-se com lucros mínimos e dar ao operário um salário justo, com que ele possa viver, sustentar a sua família e guardar um pouco para a velhice ».

Os maçães devem ter comentado tais verdades, tam verdadeiras, deste modo:

— Estes jesuitas! Estes jesuitas! Não são certamente de três pontinhos... como nós, mas são decididamente... de três assobios! E o pior ainda é que são eles que quasi sempre tem razão, os malditos!

Quando Nos pedem a benção para os jornais, damos sempre uma benção especial para os assinantes que pagam.

Pio XI.

Dois exemplos

Primeiro: — Na república da Suíça, vai ser pedida a dissolução de todas as sociedades secretas, para o fim de liquidar a Maçonaria, que conta lá uns 50 mil sócios.

Segundo: — No reino da Bulgária, vão ser expulsos da Associação dos Officiais de Reserva todos os filiados, que se conheça estarem também filiados na nefasta Maçonaria.

... De modo que... sim, ... está a passar neste momento um mau bocado em quasi toda a parte... e que a terra lhe seja leve por todos os séculos e com todos os diabos! Amen.

O DIA DA BOA IMPRENSA

Passou no dia 29 o dia dos Apóstolos S. Pedro e S. Paulo que a Igreja determinou fosse também o dia da Boa Imprensa.

Certamente que o patrocínio d'esses dois grandes santos — um, Simão Pedro que deixou a rude faina de pescador para ser o Chefe da Igreja, a pedra sobre a qual ela foi edificada, o Príncipe dos Apóstolos, o companheiro dedicado de Jesus, o outro, o fariseu tarsense, que de perseguidor dos cristãos, passou a ser o Apóstolo das gentes, logo após a visão da estrada de Damasco, morrendo ambos no mesmo martirio depois de terem realizado uma grande obra de propagação da fé — certamente que esse patrocínio foi invocado pela Igreja para uma obra que não poderia, por isso mesmo, deixar de ser de largo alcance para a conquista das almas, para a conversão dos pecadores — a Boa Imprensa.

Patrocínio necessário para uma obra necessária.

Com efeito, quem poderá pôr em duvida a eficacia, no apostolado católico, da imprensa, que tem um poder extraordinário, maior que o da palavra, porque as palavras voam e a escrita permanece, e dela pode e deve esperar-se um esforço e uma actividade tão grandes que a todos os cantos do mundo leve a boa doutrina, semeando a boa semente em toda a terra e em todas as latitudes?

Quem o ignora?

Saiba-se que o patrocínio é transmitido a distância pela palavra escrita, e se a palavra escrita tanto pode ser útil como prejudicial, porque é que os católicos portugueses, compenetrados dos seus deveres, compreendendo o alcance dessa arma poderosa que é a imprensa, se abstinam em ignorar a sua importancia e deixam morrer à míngua os seus jornaes e não sustentam, e mal, senão um grande diário num paiz de população suficiente para sustentar à vontade uns poucos, fazendo proliferar pelas capitães dos districtos, por outras cidades, e até pelas vilas, semanários ou bi-semanários

que fossem os pregoeiros da Verdade e dessem combate ao erro, à mentira, à imoralidade, que campeiam livremente, por todos os meios de expansão, sem que se queiram aperceber disso os mais directamente interessados em suprimir tal calamidade?

Porque preferem tanta vez a leitura imoral ou de duvidoso significado, dando preferéncia a jornaes vasadouros de imundícies e deixam morrer por falta de auxílio aquela imprensa que mais deviam acarinhá-la e proteger porque com ela, em persistente campanha, pode iluminar-se tanto espírito, levar a fé a tanta alma submersa na duvida e recristianisar-se assim a sociedade, ameaçada por todos os lados e que, subvertida na sua moral fundamental, que é a do Evangelho, farão ruir a ordem e com ella a Família e o próprio Estado?

Não ha instituições sociaes sólidas sem uma sólida base moral e não pode haver base moral sem um profundo sentimento religioso.

Se assim é, se isso não pode ser negado, se assistimos ao desmoronar do mundo e sabemos onde está o remedio para o soerguer e o pôr de pé de novo, porque não temos todos de fornecer aos que trabalham, aos nossos homens de armas, aos guerreiros que empunham a pena e travam pelegas pelo bem das almas e pela restauração do reinado de Cristo, contra tanto adversário prevertido que só quer a preversão do mundo, os recursos necessários para que levem a bom termo esse combate?

Olhai todos para esses conselhos, exortações e afirmações dos Sumos Pontífices, dos Prelados, dos pensadores e escritores católicos com que ilustramos hoje este jornal e resolvei-vos a fazer pela Boa Imprensa todos os sacrificios. Que os Apóstolos, ontem festejados vos iluminem a todos.

QUERUBIM GUIMARÃES.

Mandamentos do jornalista

No número, em que se comemora o dia da Boa Imprensa, não ficará mal a publicação do decálogo do jornalista, que o sabe ser:

- 1.º — Amar a verdade sobre todas as coisas.
- 2.º — Não publicar noticias de que não tenha a certeza.
- 3.º — Guardar as conveniências e as atenções possíveis.
- 4.º — Honrar o nome do redactor e do jornal.
- 5.º — Não matar a gramática nem a lógica.
- 6.º — Guardar a decência precisa nos termos.
- 7.º — Não levantar prosa alheia nem fazer plagiats.
- 8.º — Não levantar boatos sem fundamento.
- 9.º — Não desejar voar sem asas.
- 10.º — Não cubir a glória alheia.

Estes 10 mandamentos se encerram em dois: amar a verdade sobre todas as coisas e respeitar o próximo como queremos que nos respeitem a nós.

... Para muitos, porém mormente quando se trata de atacar as coisas ou pessoas da Igreja, estes dez mandamentos encerram-se só num: *Menti, menti sempre, que da mentira alguma coisa ha-de ficar!* Ao que o jornalista católico opõe o seguinte corajoso desmentido da sabedoria das nações: *A verdade é como o azeite: anda sempre ao de cima...* E anda!

A França Católica tem gasto nos últimos trinta anos milhões e milhões em obras excelentes: escolas, hospitais, igrejas, capelas, colégios, missões, etc.; mas descurou outras obras, acaso mais necessárias — a acção eleitoral e a boa imprensa.

(Do Padre COUBÉ).

A VOZ DO PAPA

Os jornalistas católicos sabem, sentem — e justamente, sabendo-o e sentindo-o, tem razão para se orgulharem — que o seu trabalho é vasto quanto a Igreja Católica o é: quere dizer, que é vasto como o mundo inteiro. E tal actividade desenvolve-se numa ordem de ideias tanto mais elevada quanto elles são, não somente os porta-vozes e os coficientes da opinião publica, mas os portadores — e é esta a sua principal razão de ser e de operar — em toda a sua eficiencia, dos próprios tesouros da vida cristã em todas as suas relações, com a vida individual, doméstica, social e pública, espalhando a sua alta e honrosa qualidade de jornalista católicos não só na parte official, redactorial, a mais importante, de certo, do jornal, mas até nas outras páginas, na chamada « quarta página », pondo em todas ellas o selo de Cristo, a côr, por assim dizer, do seu Sanguie Divino, ao qual devemos tudo o

que entra na denominação da vida cristã.

Os jornalistas católicos são, deste modo, os porta-vozes preciosos da própria Igreja, da Hierarquia e dos seus ensinamentos: os mais altos e nobres porta-vozes de tudo quanto diz e realisa a Santa Madre Igreja.

Por esta função, é certo, a imprensa católica não faz parte da Igreja docente; é sempre Igreja discente mas é a portadora, para toda a parte, do que ensina a Igreja docente, mestra dos povos, realizando sempre o divino mandamento do Seu Fundador: « euntes, docete omnes gentes ».

Nisto está a sua maior honra, a sua mais reconfortante consolidação: a mais doce recompensa dos jornalistas católicos e ainda o mais forte estímulo para de mais fazer e de mais fazer melhor continuarem os seus generosos e santos propósitos.

Pio XI.

A acção humanitária dos portugueses em Angola

A 1.ª Exposição Colonial Portuguesa dá oportunidade ao informe que oferecemos a seguir:

O cuidado pelo indígena está manifestado plenamente no relatório sobre serviços médicos prestados em Angola, onde se verifica que, em 1935, as consultas e tratamentos ascenderam a 2.400.000, as atoxilações (doenças do sono), 153.000 e vacinações 110.000.

Todos estes números excedem os dos anos anteriores, duplicando quasi os números referentes a 1932.

Aos missionários, porém, é que se deve principalmente este facto consolador: que nas nossas colónias o indígena seja considerado, não um escravo, mas um compatriota: ou melhor, um irmão.

Palavras de Veillot, o grande jornalista católico

Se eu soubesse que o mundo ia acabar amanhã, ia já preparar o meu jornal para que ele pudesse ainda sair e fazer algum bem, antes do mundo acabar.

Apostolado necessário é o da ninguém deve furar-se, ora acreditando, ora propagando, ora auxiliando por meio da oração e do socorro material.

D. ANTÓNIO DE CASTRO MEIRELES.

A voz do Papa

Tomarei como feito a mim mesmo tudo o que for feito a favor da imprensa católica.

Pio XI.

Palavras de Pio X

Debalde levantareis igrejas, organizareis missões, fundareis escolas: todos os vossos esforços serão inúteis, se não manejares a arma defensiva e ofensiva duma imprensa francamente católica.

Indústria mineira

A estatística fornece os seguintes dados, quanto à actividade, cada vez mais intensa, da nossa indústria mineira:

As maiores produções pertencem às pirites cupricas, à antracite, à hulha e à linhite. A produção de pirites cupricas elevou-se a 339.607 toneladas, ou sejam mais 38.679 do que em 1932 e mais 52.490 do que em 1931. Da antracite registou-se uma produção de 193.604 toneladas, ou mais 20% do que em 1932. Baixou a produção da hulha e da linhite em 1933, passando-se, em relação à primeira, de 23.640 toneladas, em 1932, para 9.688, em 1933, e em relação à segunda, de 16.202 toneladas em 1932, para 11.326, em 1933.

A exploração do caolino foi mais activa, pois avançou de 5.980 toneladas, para 8.876. Aumentou a produção do estanho, que em barra, quer sob a forma de cassiterite; no primeiro caso, contam-se mais 11 toneladas no ano passado do que em 1932, e no segundo, mais 30 toneladas.

A produção do volfrâmio, sob a forma de volframite, atingiu 313 toneladas, mais 42 toneladas do que em 1932 e mais 52 do que em 1931. O sulfato de bário radiferou acusou, em 1933, uma produção quasi dupla da de 1932, pois passou-se de 0,891 para 1,576.

Regista-se ainda, em 1933, a produção de 11 toneladas de pirites auríferas, contendo 27 gramas de ouro por tonelada.

PENSAMENTOS

DA SEMANA

Uma causa, que não tem por si uma forte imprensa, é uma causa vencida.

Novos assinantes do « Correio do Vouga »

Deram-nos a honra de se inscrever no número dos assinantes do *Correio do Vouga* os seguintes senhores:

Gabriel Ferreira, Carvalhais, Vago; Manuel Martins Fernandes, Nariz; Costa do Valado; António José de Barros, Verba, Costa do Valado; Carlos Tavares de Almeida, Cabrum, Arões, Maceira de Cambra; Joaquim de Castro Carreira, Aveiro; Manuel Cação Gaspar, Aveiro; José Henriques da Silva, Valongo do Vouga; Belarmino Marques de Aguiar, Canelas, Estarreja; José Barbosa, Lisboa; José Augusto Cardoso Pereira, Vista Alegre, Ilhavo.

A todos estes nossos Ex.ºs Amigos, bem como aos bons Amigos que algumas assinaturas vão angariando para o *Correio do Vouga*, e cujos nomes iremos publicando, muito obrigados ficamos, e

Avante pelo *Correio do Vouga!*

A BOA IMPRENSA

(Dum artigo do Ex.º e Rev.º Sr. D. António Antunes).

— Infelizmente ha católicos que frequentam a Igreja e se sacramentos e que, numa desorientação que se não explica, preferem ler e assinar jornais abertamente hostis à Religião que professam. Tais católicos são semelhantes aos filhos que fazem côro com os inimigos dos próprios pais e fazem lembrar aqueles incautos que, compram venenos que hão-de levar a morte aos próprios filhos.

Se é uma necessidade combater a tuberculose, igual ou maior é a necessidade de varrer do ambiente, em que nos movemos, os microbios imorais que a má imprensa espalha.

Por isso mesmo a Igreja lembra aos católicos no dia em que se festejam os dois principais Apóstolos, o dever sagrado de auxiliarem a Boa Imprensa e principalmente os jornais católicos.

Passou a hora de edificar igrejas e adorar altares; urgente: inundar o sólo da França de publicações que ensinem de novo a Verdade.

(Do CARDIAL LABOURÉ, ARCEBISPO DE RENNES).

As tragédias da aviação

Ainda se não tinha apagado de memória dos portugueses o trágico desastre de Vincennes em que perdeu a vida o glorioso capitão aviador Plácido de Abreu, quando surgiu nova catástrofe que vitimou o tenente Melo Rodrigues, nas festas de S. João em Braga, que era também um distinto official da aviação portuguesa.

Ambos estes desastres se deram na ocasião em que executavam exercícios de acrobacia. Mas exercerá direito de se continuar a permitir estas demonstrações de acrobacia, inúteis para o país e que a todo o passo nos roubam vidas preciosas e deixam imersas em mágoa profunda as suas famílias?

A imprensa portuguesa e estrangeira principia a esboçar um movimento de protesto contra as exhibições de acrobacia, que não deve ser mais permitida nestas circunstâncias.

DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Exposição Colonial. — Continua a ser o grande acontecimento em todo o país, e mesmo no estrangeiro, a 1.ª Exposição Colonial Portuguesa, que tem sido visitadíssima, e muito mais deve sê-lo ainda por milhares e milhares de pessoas, muitas das quais estrangeiras. Não deixem todos que possam de, patrioticamente, ir observar com seus olhos este prodigioso documentário da nossa acção colonial e civilizadora. E como portugueses, senão católicos, vejam essa maravilha de apostolado cristão e nacional que é a obra das missões católicas!

Choque de camiões. — Em Newton (Estados Unidos) chocaram dois camiões, que transportavam rapazes negros, tendo morrido 9, ficando 28 em estado gravíssimo, e completamente destruídos os dois carros.

Homenagem a um Bispo. — Foi uma verdadeira apoteose a homenagem ao Sr. Bispo da Guarda. Milhares muitos milhares de pessoas, de todas as classes sociais e de todos os pontos da diocese, aclamaram Sua Ex.ª Rev.ª. O *Correio do Vouga* mais uma vez se associa a tam vibrante e universal homenagem, em que tomou parte toda a Diocese da Guarda.

Salazar. — Não tem já conto os jornais estrangeiros, que se referem com elogio ao ilustre Presidente do Conselho: belgas, franceses, americanos, ingleses, espanhóis, suíços, holandeses, todos os grandes órgãos da imprensa mundial prestam homenagem ao chefe do nosso governo.

Filhos de Alcalá Zamora. — Quatro filhos do Presidente da República Espanhola visitaram ha dias o nosso país, tendo estado na Igreja de Santo António, em Lisboa, a rezar de joelhos, devotamente.

Em Saragoça. — A comissão socialista, gestora do Município de Saragoça (Espanha), resolveu tornar a chamar para os Hospitais, Clínicas e Asilos, donde as tinha expulsado, — as Irmãs de Caridade...

Mendes Correia. — No Brazil, onde se encontra a realizar conferências de alta cultura portuguesa, tem sido objecto de calorosas homenagens o ilustre professor da Universidade do Porto, Dr. Mendes Correia.

S. João Bosco. — Na Sociedade de Geografia, foi realizada uma grandiosíssima sessão solene em honra de S. João Bosco, recentemente canonizado: a figura colossal do extraordinário educador foi maravilhosamente focada por dois dos mais ilustres professores da Universidade de Lisboa, entre os aplausos do imenso auditório.

Cinema americano. — Um Bispo católico da América pregou contra o cinema imoral, e várias empresas cinematográficas apoiaram a sua campanha, secundando os esforços moralizadores do ilustre Prelado.

Execução por asfixia. — Nos Estados Unidos foi pela primeira vez executado por asfixia um condenado a morte, chamado William Kelleg. Por asfixia, diz o telégrafo. Mas como seria ela feita?

Séca na Inglaterra. — Na Inglaterra, ha uma falta de chuva, como não havia já ha um século: e a falta de água é tal, que já se pensa em restringir severamente o seu consumo.

Dívida dos Estados Unidos. — A actual dívida pública dos Estados Unidos é a maior que tem havido na história: trinta biliões de dólares!!

Inauguração de via férrea. — Entre a vila de Sines e o Túnel, foi inaugurado um trço de linha férrea, assistindo ao acto o ministro das Obras publicas e altos funcionários dos caminhos de ferro.

Naufrágio. — Perto da Noruega, naufragou o navio alemão « Dresden », que conduzia 1.400 pessoas: todas se salvaram, com excepção de duas senhoras, mas ha muitos feridos.

« Amigos » dos hospitais. — Em Torres Vedras, foi atropelada ha dias uma rapariga, que ficou em estado bastante grave. No hospital da vila foram-lhe prestados os primeiros socorros, mas era indispensável e urgente que seguisse para Lisboa, a fim de ser internada no Hospital de S. José. Nisto passa uma ambulância da Liga dos Amigos dos Hospitais, e foi pedido aos tripulantes o favor de conduzir para Lisboa a pobre pequena. Pois recusaram-se terminantemente a levarem-na, alegando que não o podiam fazer sem autorização superior! Interveio a autoridade administrativa, mas qual quê! faltava a tal ordem superior, — e lá deixaram a rapariguita quasi moribunda, sem a transportarem!!

Na Alemanha. — No Reich parece que vão mal as coisas: crise financeira, perseguição religiosa, desinteligências entre os chefes do nazismo, ameaça e desejo de guerra, e bravatas, muitas bravatas dalguns nazis mais salientes...

A BEM DA NAÇÃO

Dívida flutuante. — A situação da dívida flutuante em 28 de Fevereiro de 1934 acusa um saldo credor de 491.166.726\$14.

Esta cifra é representada nas seguintes rubricas:

Saldo Devedores: — Bilhetes do Tesouro, 103.839.000\$00; cauções de responsaveis em dinheiro, 1.247.305\$49; conta corrente com a Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, 199.240.478\$46. Total, 304.326.783\$95.

Saldo Crêdores: — Conta corrente no Banco de Portugal, 404.317.745\$00; Depósito no Banco Nacional Ultramarino, 19.995.000\$00; contas correntes e Depósitos no estrangeiro, £3.374.369.11.10 371.180.755\$00. Saldo Crêdor, 491.166.726\$14.

Melhoramentos rurais. — No mês de Fevereiro do corrente ano foram concedidas participações do Estado, pelo Ministério das Obras Publicas e Comunicações, para melhoramentos rurais, no valor de 601.824\$07, em relação a obras orçadas em 1.373.838\$77.

Desde Outubro de 1932, a soma total das participações concedidas foi de 22.297.470\$66, em relação a obras orçadas em 52.368.688\$17.

As quantias concedidas pelo Estado destinam-se exclusivamente a pagamento de assistência técnica e mão de obra, contribuindo para atenuar o desemprego, ao mesmo tempo que permitem a realisação de obra de utilidade para as populações rurais, que os orçamentos das autarquias não comportariam.

Estas participações têm dotação própria no orçamento do Estado, não saído, portanto, das receitas do Fundo do Desemprego.

Alfândegas. — As receitas cobradas nas Alfândegas do continente e ilhas adjacentes, no mês de Janeiro do corrente ano, foram de 63.837.285\$43.

Em relação a igual mês do ano anterior, verifica-se um aumento de receitas de 7.513.979\$94.

ANUNCIO

2.ª PUBLICAÇÃO

Por este Juizo, cartório do escrivão Albano Pinheiro e nos autos de execução hipotecaria que Sebastião Pedro da Costa, casado, proprietário, morador na Gafanha da Nazaré move contra António dos Santos Gregorio e mulher Quitéria de Jesus Lopes, jornaleiros, moradores na Gafanha da Encarnação, vão à praça para serem arrematados por quem maior lance oferecer acima da sua avaliação, no dia 22 de Julho próximo, por 12 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito à Praça da República em Aveiro os seguintes predios pertencentes e penhorados aos executados: — Um predio de terra lavradia e pertencas, sita acima do Lago, freguesia da Gafanha da Encarnação, avaliada em 750\$00. — Uma terra lavradia e pertencas, sita no local do Olheiro, freguesia da Gafanha da Encarnação, avaliada em 2.500\$00. — Um predio de terra lavradia e pertencas, sita acima do Lago, freguesia da Gafanha da Encarnação, avaliada em 750\$00. — Um assento de casas terreas com seu aido lavradio contiguo e mais pertencas, sito no logar da Gafanha dos Caseiros e local dominado Lago dos Caçadores, freguesia de Ilhavo, avaliada em 5.000\$00. Pelo presente são citados os credores incertos.

Aveiro, 18 de junho de 1934.

O Escrivão da 3.ª Secção da 1.ª Vara, **Albano Duarte Pinheiro e Silva.**

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 1.ª Vara, **Artur Valente.**

JOSÉ MOREIRA (GORUJEIRA)

ADVOGADO

VAGOS

Estatística Missionária

O Secretariado da Obra da Propagação da Fé acaba de publicar uma estatística de grande valor, acusando os progressos realizados no mundo católico desde 1922 a 1932.

A soma global das receitas eleva-se, durante este periodo, a 463.947.622 liras ou sejam 695.923 contos e 933 escudos, assim distribuídos por continentes: América, 353.151 contos e 813 esc.; Europa, 330.587 contos e 433 esc.; Oceania 3.542 contos e 360 esc.; Asia, 4.078 contos e 714 esc.; Africa, 2.556 contos e 112 esc.

A média annual da quota por católico em cada continente foi a seguinte: América, 33 centavos; Europa, 16 centavos; Oceania, 33,5 centavos; Asia, 3 centavos; Africa, 6 centavos.

Vinte e nove países, entre os quais figura Portugal, deram para cima de 750 contos cada um. Os 11 seguintes, figuram com as seguintes verbas: Estados Unidos da América do Norte, 286.761 contos e 866 esc.; França, 89.554 contos e 726 esc.; Itália, 54.603 contos e 765 esc.; Alemanha, 46.047 contos e 511 esc.; Holanda, 31.081 contos e 751 esc.; Bélgica, 27.077 contos e 781 esc.; Canadá, 26.987 contos e 557 esc.; Espanha, 18.573 contos e 538 esc.; Irlanda, 16.993 contos e 383 esc.; República Argentina, 16.028 contos e 634 esc.

Mas... eis o reverso da medalha:

As Sociedades Bíblicas Protestantes em três anos, entregaram as suas missões: três milhões, duzentos e nove mil, seiscentos e doze contos e quatrocentos e noventa escudos!...

E Portugal, a décima nação do mundo em população católica concorreu apenas, em dez anos, com cerca de 800 contos!...

Ouçamos todos então a palavra de Pio XI, o Papa das Missões:

Cada vez mais! Cada vez melhor!

Calendário Histórico

JULHO

Dia 1. — Ano 1420: João Gonçalves Zarco descobre a ilha da Madeira, encontrando-a toda coberta de arvoredo, a que lançou fogo, sendo tradição constante que esse incêndio durara sete anos, e que ficara depois a terra duma excessiva fertilidade.

Dia 2. — Ano 1816: Naufrágio, em viagem de Africa, a fragata francesa « Médusa »: é celebre, sobretudo pelo famoso quadro de Géricault, a jangada, em que procuraram salvar-se algumas centenas de náufragos, que chegaram a praticar cenagos de canibalismo.

Dia 3. — Ano 1866: Os prussianos derrotam os austríacos em Sadova, uma das mais notáveis batalhas da história: os prussianos perderam apenas 10.000 homens, e os austríacos, em menos de 12 horas tinham 31.000 mortos e feridos.

Dia 4. — Ano 1336: Morre a Rainha Santa (D. Isabel de Aragão), virtuosíssima esposa de El-rei D. Diniz: immortalizou a e santificou-a a sua inexgotável caridade, de que é clarissimo sinal o « milagre das rosas » e o seu amor à paz dos povos.

Dia 5. — Ano 1833: A esquadra liberal vence a esquadra miguelista perto do cabo de S. Vicente: sendo aquela comandada pelo almirante inglês, ao serviço de D. Pedro sir Carlos Napier, que recebeu por esse feito de armas o titulo de conde Napier de S. Vicente.

Dia 6. — Ano 1885: Na rua Ulm (Paris), o grande Pasteur inocula pela primeira vez o virus rábico numa criança, em presença do Dr. Vulpian: facto capital na história da medicina, e na do pretenso conflito entre a ciência e a religião, dadas as convicções católicas do eminente bacteriologista.

Dia 7. — Ano 1809: Napoleão ganha a batalha de Wagram, opondo 150.000 homens e 450 canhões a 140.000 homens do arquiduque Carlos de Austria: nessa batalha tomou parte a Legião Portuguesa, que se cobriu de glória, e alguns pontos decidiu do triunfo.

Dia 8. — Ano 1838: Na praia do Mindelo, ou melhor em Arnosa do Pampelido, desembarca o imperador do Brazil D. Pedro I, com 7.500 homens, que algumas histórias ficaram conhecidos por *Bravos do Mindelo*: entre eles havia numerosíssimos estrangeiros, e no dia seguinte esse minúsculo exército entrou no Porto, que as tropas legitimistas impudentemente tinham abandonado.

AUGUSTO XAVIER.

VENDE-SE Uma marinha de sal denominada a Robalinho. Quem pretender fale com Alberto de Azevedo, do logar de Sarrasola, freguesia de Cacia. Está livre de tudo.

CESAR CARDOSO
ADVOGADO
Com escritórios na Fogueira, todos os dias até ás 11 da manhã; de tarde, em Anadia, em frente ao estabelecimento comercial do sr. José : : : d'Almeida : : :

ARREMATACÃO

1.ª PUBLICAÇÃO

Por este Juizo e Primeira Secção da Segunda Vara, e nos autos de execução hipotecaria em que é exequente Albano Nunes Génio, casado, proprietário, da Costa do Valado, e executados José da Silva Maia e mulher, Ana Marques da Silva, lavradores, do mesmo lugar, vão ser postos pela primeira vez em praça, no dia vinte e dois de julho próximo futuro, pelas doze horas, à porta do Tribunal Judicial desta Comarca, sito na Praça da República desta cidade, para serem arrematados por quem mais oferecer acima da sua avaliação, preço porque vão à praça os seguintes prédios, pertencentes e penhorados aos executados: Uma propriedade que se compõe de um pinhal, com todas as suas pertencas e direitos, sita no Paço, sitio do Cabeço Seco, limite do lugar de Mamedeiro, freguesia de Requeixo, avaliada em duzentos escudos; uma propriedade que se compõe de um pinhal, com todas as suas pertencas e direitos, sita na Gandara da

Póvoa, limite da freguesia de Requeixo, no valor de duzentos e cincoenta escudos; uma propriedade que se compõe de um pinhal, com todas as suas pertencas e direitos, sita no Vale da Belida, limite do lugar da Póvoa, freguesia de Requeixo, avaliada em sessenta escudos; uma propriedade que se compõe de um pinhal, com todas as suas pertencas e direitos, sita no Vale da Belida, limite do lugar da Póvoa, freguesia de Requeixo, avaliada em quatrocentos escudos; uma propriedade que se compõe de um pinhal, com todas as suas pertencas e direitos, sita no Vale do Pombro, limite da freguesia de Oliveirinha, avaliada em oitocentos escudos; uma propriedade que se compõe de um pinhal, com todas as suas pertencas e direitos, sita no local de Vele do Pombro, na Varzea de São Bento, limite da freguesia de Oliveirinha, no valor de setecentos escudos; metade de uma propriedade que se compõe de um assento de casas terreas, com pátio, quintal e demais pertencas e direitos, sita no lugar da Costa do Valado, limite da freguesia de Oliveirinha, avaliada na quantia de cinco mil escudos. Pelo presente são citados todos e quaisquer credores que se julgarem interessados na arrematação, para virem deduzir os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia, e desde já se declara que todas as despesas da praça são por conta do arrematante, sendo a sisa paga nos termos da lei.

Aveiro, 19 de Junho de 1934.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara, **Melo Freitas.**

O Chefe da 1.ª Secção da 2.ª Vara, **João Luiz Flamengo.**

CASA

Vende-se na rua 16 de Maio n.º 5. Para tratar no liceu com seu dono João B. Moreira.

Secção recreativa

PARA TODOS OS PALADARES

N.º 1 — Perguntas enigmáticas

(Populares)

Quando é que a lua pésa mais? Qual é a planta de que se faz mais uso? Quais são as maçãs que se chegam à boca, mas se não comem? Quem é que gostava de te ver enforcado? Onde está o Papa depois do sol posto? Qual é o mês em que as mulheres falam menos?

X. P. T. O.

N.º 7-10 — Charadas biformes

No estomago caiu a comida. — 2 —
No estomago caiu um pedaço de pão. — 2 —
O maluco não tem cabeça. — 2 —
O jogo é fútil. — 2 —

DOCTOR X.

N.º 11 — Ginástica para a lingua

1.º Didon dinait, dit-on, du dos d'un dou dindon.
2.º Ciel, si ceci se sait, ses soins sont sans succès.

Para os que sabem português:

Palra, palra, pardal, palra,
Palra tu, que eu palrarei:
Palra, palra, pardal, palra,
Que eu sou palrador de El-rei.

N.º 12-15 — Charadas sincopadas

A parte do arado pertence a certa casta. — 3 —
Um lobo pequeno não sabe do jogo. — 3 —
Não está certo o palavriado. — 3 —
Foi por obstinação que colhi as uvas. — 3 —

K. MELO

N.º 16 — Massada geográfica

Formar o nome duma nação europeia e sua capital com as letras das seguintes palavras:

Tomai a lira!

NAU CATRINETA.

PENSÃO CENTRAL

CALDAS DE S. JORGE
VILA DA FEIRA

Aberta desde 1 de Junho a 31 de Outubro

Esta Pensão recomenda-se pelo seu bom tratamento, excelentes instalações eléctricas e primoroso acoel.

Cosinha portuguesa de primeira ordem
Pastelaria fina, tabacos, champagnes e vinhos finos
Vinhos branco e tinto dos melhores da região

Gerência:

Casa Maximino, de Carregosa

Correspondências

Arões, 18.

Festa. — No passado domingo dia 17, celebrou-se na igreja paroquial desta freguesia a festa de Santo António de Lisboa, Padroeiro de Portugal. A Missa foi cantada por um grupo coral de Feijões com instrumental adequado.

No fim da Missa foi o mesmo Santo conduzido processionalmente para a sua capelinha no logar de Cabrum, acompanhando-o grande multidão de povo, Encarnado, ou pintado de novo parece que o sorriso que se desprende dos seus lábios atrai o homem que do mesmo se aproxima.

Festa esta digna de ser imitada: canta-se e reza-se apenas. No fim da procissão subiu ao pulpito o Rev.º Pároco que falou sobre as virtudes do Santo, incitando o povo à imitação das mesmas.

Ceifas. — A nota da semana passada foi o alarido das ceifas: por aqui e por ali, o povo contente, cheio de satisfação apinhando o centeio, enfaixando-o e pondo-o nas medidas. Havia alegria, mas alegria legítima, própria de corações bons.

C.

Pampilhosa da Serra, 19.

Passou hoje aqui um avião, levando o rumo nordeste, que causou uma certa confusão aos habitantes desta vila.

Nos rostos duns via-se estampada a admiração em virtude da passagem de tal aparelho, nos de outros a tristeza produzida pela lembrança da morte do grande herói, Plácido de Abreu.

C.

Nariz, 21

Cruzada Eucarística. — Foi solenemente inaugurada no dia 8, festa do Sagrado Coração de Jesus. Festa de creancinhas e por isso festa simples e encantadora. Constatou, do lado da manhã, de admissão solene dos Novos Cruzados, Missa Solene, prática e Comunhão geral. Executou a Missa um grupo do Troviscal.

Da parte da tarde houve adoração de Nosso Senhor exposto solenemente, procissão eucarística e no fim Benção. Decorreu tudo muito bem, com muita ordem, respeito e devoção. Não houve foguetes, nem músicas, nem arraial. Também ninguém lhes deu pela falta.

A noite, passada a festa, ouvimos um velhote de 70 anos dizer para o Sr. P.º Bastos: — Sr. Prior, da minha lembrança nunca se fez disto em Nariz! E o ti Manuel Casimiro advertia que noutro tempo também os guerreiros e navegadores eram armados assim com a cruz de Cristo antes de partirem para as suas conquistas e descobertas.

Mais garotices. — Alguem nos entregou um papel imundo que mãos de garoto colaram na porta da sacristia.

Mais imundo do que o papelucho só a consciência de quem o lá pôs e mandou pôr.

Em o Sr. Prior vendo o papelucho — havemos de lho mostrar — já sabemos que nos diz: — Está bem, está bem, quanto mais o diabo se zangar melhor!

Festa. — Deve ter lugar no próximo dia primeiro de julho a festa do Senhor. Virá pregar um orador de fóra.

C.

Carregosa (Azemeis), 23.

O tempo vai ótimo para a lavoura. A nasença do vinho é ainda maior que no ano passado, em que a maior parte dos viticultores não teve vazilhame para o guardar, tendo alguns que mandar fazer a ultima hora.

As oliveiras também prometem. Esta região não é produtiva em grande escala, antes pelo contrário. Mas a verdade é que as poucas oliveiras que aqui ha, estão com uma nasença de azeitona como nunca lembra.

Chegou do Brasil o nosso amigo Sr. Alberto Bastos, depois de 11 anos de ausência. Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de boas vindas.

Após alguns anos de sofrimento, faleceu o Sr. José da Rocha do logar do Presigo. Era abastado proprietário e capitalista, e tio do nosso assinante e

AINDA A ROMAGEM A EIXO

Correspondências

Publicamos hoje, para remate do que se passou em Eixo, no dia 17:

O discurso proferido pelo Sr. Dr. Lourenço Peixinho, em nome da Camara de Aveiro.

A mensagem da Camara de Estarreja, lida pelo Sr. Dr. Antonio Valente.

A admiravel oração de agradecimento proferida pelo Sr. Dr. Jaime Lima, em que a beleza da forma, a elevação do conceito e a comovedora ternura dum coração reconhecido e duma alma pura e humilde, se aliam para fazer desse discurso uma peça literaria verdadeiramente notavel.

O discurso do Sr. Dr. Peixinho

Meus Senhores:

Lembraram-se e muito bem, os amigos do sr. dr. Jaime de Magalhães Lima, de lhe prestar esta simples e modesta homenagem, aliás conforme ao seu feitio e temperamento, mas que, por ser assim modesta, nem por isso deixa de ter a alta significação de apreço e estima que por ele todos teem. A Câmara Municipal de Aveiro, como representante legitima dos municipios do nosso concelho e por si mesma, não podia deixar de se integrar neste movimento de simpatia por V. Ex.ª e muito gostosamente o vem cumprimentar e apresentar-lhe as suas saudações.

Dr. Jaime de Magalhães Lima, além de ser um aveirense illustre que marcou uma época em Aveiro, pelo auxilio que prestou aos seus concidadãos, ajudando a criação da Escola Industrial e Commercial Fernando Caldeira, ao comércio e á industria pela importancia de que dispunha nos meios financeiros e á cidade pela influencia politica de que gosou, tendo sido no seu dominio politico e a seu pedido, que se fez o estudo da Avenida que liga o centro da cidade, com as estações dos Caminhos de Ferro Portugueses e do Vale do Vouga, melhoramento importante e que já hoje está realiado, é um escritor distinto e apreciado e foi sempre um apóstolo da lavoura e um amigo dos lavradores.

Bem merece V. Ex.ª a amizade e a estima do concelho onde nasceu e de todas as pessoas que o conhecem e lhe dedicam muita consideração. Filho de um cidadão a quem Aveiro bastante deve, dos mais importantes e de mais preponderancia do seu tempo e que se chamou Sebastião de Carvalho e Lima, começou logo a salientarse desde rapaz, pelo seu valor e intelligência. Jaime de Magalhães Lima, espirito brilhante e culto, dedicou-se em toda a sua vida, á literatura, a quem deixa páginas primorosas, que muito o engrandecem, bem como á cidade que lhe foi berço. Melhor do que eu, outros oradores poderão fazer a apreciação da sua obra literaria que é grande e immortalisa quem a escreveu. Homem de valor pelo seu saber, illustração e faculdades de trabalho, ótimo chefe de familia, esplendido amigo, tinha direito a esta manifestação, que ainda não terminará, como é de justiça.

Que V. Ex.ª viva ainda muitos anos, para continuarmos a apreciar o seu bom convívio e amizade e para continuar a enriquecer a literatura portuguesa, são os desejos mais sinceros e ardentes, da minha humilde pessoa, dos seus amigos e da Câmara Municipal de Aveiro.

A mensagem da Camara de Estarreja

Ao Ex.º Sr. Dr. Jaime de Magalhães Lima

Convidada pela comissão promotora desta publica homenagem ao Vosso nome illustre a fazer-se representar, é com a mais alvo-roçada alegria que a Câmara Municipal de Estarreja aceita o penhorante convite. Aos homens da vossa estatura mental e moral não se podem render homenagens: só os actos de justiça são devidos. Foi para fazer-vos simplesmente justiça que aqui viemos; a sessão de homenagem é um velho e pretencioso conceito; para ella procura-se a frase, o gesto e até as pessoas. Nada disso se dá com este tributo de simpatia que Vos é rendido. Esta festa é obra do povo; o gesto do povo é rude; as suas palavras são simples, porque são sinceras. Não se trata, pois, de uma homenagem, mas antes de uma verdadeira apoteose. Apoteose ás peregrinas virtudes morais de um homem; apoteose ao seu talento;

apoteose, sobretudo, á sua choccante modéstia. E' ella que mais Vos exalta e Vos impõe. Sociologo de clara intuição, romancista ao gosto de Tolstoi, Vós sois um pouco maior do que ele, por que sois ainda mais simples na cristianissima concepção da vossa alma. Numa forma simples e clara conseguis exprimir os mais complexos conceitos. E' por isso que a gente rude vos compreende e é por isso que a gente rude Vos adora. O Vosso amor pela natureza, o Vosso amor pela silvicultura confunde-vos ainda mais que os humildes. Bendita, pois, a a Vossa inclinação.

Vão longe os vossos tempos de politico. Deputado em 1893, 1894 e 1897, mantivestes sempre na vida publica a mais rigida e inflexivel conduta moral.

Rebuscando no vosso passado politico uma razão que justifique a festa que o povo de Aveiro Vos promove, não será desatinado dizer que ele vem agradecer-vos o desvelo e carinho com que o tratavestes na vossa passagem pela presidência da sua Câmara, em 1892.

Confundindo no mesmo amor os pobres e os pequeninos com Aqueles que são do Vosso sangue, sois acima de tudo um coração generoso e uma alma boa.

Quando as multidões se descobrem respeitosa á Vossa passagem fica ferida a Vossa modéstia, bem o sabemos. Mas consenti, por ellas, que não por Vós, que nos inclinemos para saudar a magestade da Vossa virtude, o nome glorioso do autor glorioso de *O Transviado*.

Estarreja, 17 de Junho de 1934.

O magistral discurso de Jaime Lima

Amigos:

Permiti que por um momento suprima entre vós todas as distâncias e esqueça vosso diferente grau e estado, vossos diferentes cargos e dignidades, para vos unir e irmanar num só nome que a nobreza comum da amizade que me trazeis manda attribuir-vos, sem excepção. Pois que em igual luz vos avisto, clara como o alvorcer do dia, numa só palavra que o coração me segreda hei-de confundir-vos, para não dividir impiamente o que no meu peito está unido e é indivisível por sua natureza.

Amigos:

Por mistério da vossa generosidade ou, antes, por milagre da vossa indulgência, eis que agora o creól se vê mudado em devedor e serei eu, o devedor, que me encontro, comovido, a cobrar como se meus fossem e de meu direito os primores da vossa dedicação.

A justiça é, porém, severa e íntegra, não admite compromissos com o favor, não abdica dos seus rigores e guarda-os, ainda que a mais gentil magnanimidade a conceda a ceder-lhe o lugar; e a justiça manda-me reconhecer que não é Aveiro que me deve virtudes nem quaisquer bens pela concessão dos quais haja de me ser obrigada e me louvar: sou eu que pela instância de um destino proprio devo a Aveiro encantos, inspiração e conselho, aquela lenta e salutar transfusão da sua alma no meu ânimo que me ensinou e me alisou o caminho que trémulo calculei na minha incerta jornada no mundo.

CASA VIEIRA
DE MANUEL VIEIRA DOS SANTOS
21 RUA DIREITA 21-A - AVEIRO

Neste estabelecimento, embora de pequenas dimensões, encontrará o respeitável publico todos os artigos da nossa especialidade, tais como:

Cimento, Ferragens, Tintas, Droças, Vidraças, Sementes e Mercarias

Nasci em Aveiro e a minha infância e a minha meninice respiraram de Aveiro os seus alentos, amplamente, neles me formei e dos seus filtros fabriquei meu sangue e o alimentei e compus para não mudar; em Aveiro aprendi a distinguir e a amar a beleza da terra e das graças humanas que a povoam; em Aveiro a beleza se me revelou na mansa irradiação das suas águas e na formosura e no mover airoso da elegância incomparável da sua gente; em Aveiro fui iniciado no respeito sagrado do trabalho e da coragem e da pobreza cândida pelo pescador que na palidez calma da manhã vi partir a granjear no perigo das ondas o pão da companhia e o agasalho do berço do seu lar onde criou e deu á sua pátria soldados que a defendessem e apóstolos que lhe dilatasse «o Império e a Fé»; em Aveiro ouvi a harmonia compassada e lenta dos seus câmpios e recolhi na minha alma, a fortalece-la, aquele aviso etéreo que me chamou a glorificar o Senhor e a obedecer á eternidade redentora, á sua lei de Amor.

Em Aveiro aprendi a venerar a memória do seu patrono e génio tutelar; em Aveiro aprendi a venerar a memória de José Estevão, e venerar a memória de José Estevão é acender uma alâmpada ao culto sacrossanto da dignidade e á admiração e arte de a bem servir, é purificar-nos naquelas chamas em que José Estevão se arrebato e consumiu para obedecer e a sacrificar á felicidade dos homens, e, particularmente, para engrandecer o chão e os homens dos quais nascera e aos quais fervorosamente amou e nobilitou.

Se de Aveiro me afastei para vir habitar no ermo, não foi porque atraçoasse o amor e a fidelidade que a Aveiro devia, não foi porque, filho pródigo, menosprezasse e esquecesse a insinuação e amparo paternal do seu ânimo, e a contemplação da sua graça e o conforto que a sua alma distila em todo o coração que a procura e escuta, ávido de bem-sentir e bem-querer e acertar. Se de Aveiro me afastei, foi para minguar a indignidade de merecimentos entre a qual aspirava á sua amizade, foi para zelar menos débilmente a for-

(Continua na 4.ª página)

amigo Sr. Raul de Oliveira, bem como dos Srs. P.º Franklin José de Sousa, abade de Escariz, e Abel Leite Ribeiro, regedor de Carregosa. O funeral foi muito concorrido, e teve officio e missa de corpo presente.

Paz á sua alma, e á sua familia, nomeadamente ao nosso assinante Sr. Raul de Oliveira, apresentamos a expressão do nosso muito sentimento.

C.

Ouca, 24

Escolas. — Depois de ter negociado o terreno para a construção do edificio escolar, a comissão respectiva está adquirindo os materiais necessários a tal edificio e desenvolve nisso a sua maior actividade. Vai-se saindo assim da improduttiva indiferença em que ha tantos anos se tem vivido.

Contribuições. — Vai abrir no dia 1 do próximo mês o cofre da Tesouraria da Fazenda Publica deste concelho para a cobrança voluntária das contribuições, destinando-se especialmente os dias de 17 a 29 para a cobrança desta freguesia. Recomenda-se aos srs. contribuintes se façam acompanhar dos avisos e das importâncias certas a fim de evitarem demoras com declinação de nomes e trocos.

Fonte. — A única fonte, que abastece esta localidade de mais de trezentos fogos, não dá água. Ainda não ha muito, a Câmara gastou nela algumas centenas de escudos que, sabemo-lo, foram administrados com toda a honestidade, mas, nesse serviço, faltou, decerto, o conhecimento técnico que é sempre tão preciso como a honestidade. Agora que se torna urgente nova reparação, devem os trabalhos entregar-se a pessoa especializada para que tudo fique feito bem e por uma vez, removendo-se mesmo, sem considerações, os embaraços do poder do manancial.

A reparação é precisa e urgente, mas deve fazer-se sem atender a interesses ou paixões de ninguém, que não poucas vezes teem impedido as necessidades e o relativo embelezamento desta terra.

C.

FERREIRA DA COSTA
MÉDICO ESPECIALISTA
Doenças dos ouvidos, nariz e garganta
CONSULTA
aos domingos, das 9 ás 12 horas, no HOSPITAL DA MISERICORDIA DE AVEIRO

12

QUO VADIS

QUO VADIS

9

quamente o Fôro? Ainda que estamos no outono, todavia o ar é quente; e por isso não deve de ser desagradável ouvir o murmúrio da água do chafariz do átrio, e depois dos passos da pragmática adormecer tranquilamente na alcova iluminada pela froixa luz que se cõa através da cortina de púrpura meio corrida.

Vinício acedeu, e depois de cavaquear por alguns instantes sobre o que se passava no Palatino e na cidade, entremeando a conversa de observações filosóficas, Petrónio entrou no cubiculo. Meia hora depois levantou-se sem ter pegado no sono, e pedindo verbena, esfregou com ella as mãos e as fontes.

— Não podes imaginar, — exclamou para Vinício — como o aroma desta plantasinha refresca e reanima. Estou ás tuas ordens.

A liteira já estava preparada. Entraram nela e deram ordem que os levassem ao Vico Patricio, onde ficava a casa de Aulo Plaucio.

A «insula» de Petrónio estava situada na vertente meridional do Palatino, perto das Carenas, e por isso o caminho mais direito para os nossos dois patricios era o que passava pelo lado de cá do Fôro; mas como Petrónio também queria passar pela casa do joalheiro Idomenes, ordenou aos escravos que atravessassem a Via de Apolo e o Fôro para subir á Via Scelerada, onde havia lojas de toda a espécie.

A liteira era levada por galhardos negros e precediam-na os escravos, pela razão mesma do seu officio chamados «pedissequi». Petrónio aspirava em silencio a fragrança da verbena de que estavam embebidas as suas mãos e parecia concentrado em séria reflexão. De improvisu perguntou:

— Agora me vem á ideia, que se a tua Ligia não é escrava, pode, querendo, abandonar sem risco algum a casa de Plaucio. Chegaste a falar com ella?

— Via pela primeira vez perto da fonte, e duas me cruzei com ella no jardim. Ella estava alojado no corpo do edificio destinado aos hóspedes, e a enfermidade não

apelaram para o concurso dos ligios. Estes, como souberam das riquezas de Vanio, ambicionando trofeus e dinheiro, desabaram em ondas tão numerosas sobre o território occupado pelos suevos, que Claudio começou a temer pela segurança da fronteira e ordenou a Atelio Cistero, chefe das legiões do Danubio, que vigiasse com desvelo as várias fazes da luta, e que não consentisse de maneira nenhuma incursões pelos confins do império. Cistero não só alcançou dos ligios a promessa de que não ultrapassariam as fronteiras, mas também conseguiu que lhe entregassem em refens a mulher e a filha do seu caudillo, e esta ultima é Calina, a donzela que está em casa de Aulo.

— Como soubeste tu isso tudo?
— Por boca do próprio Aulo Plaucio... Os ligios, claro está, não violaram a fronteira. Mas tu bem sabes que os bárbaros apparecem como uma tormenta e como uma tormenta se esvaem e desaparecem com todas as suas pontas de bufalo na cabeça. Assim succede aos ligios. Derrotaram os suevos de Vanio e os yazigues; mas como lhes morresse o chefe, desapareceram com os despojos de guerra, deixando em poder de Cistero os refens. Pouco depois faleceu a mãe, e Cistero entregou a filha a Pomponio, governador da Germania, que terminada a campanha contra os celtas, voltou a Roma e, como sabes, obteve por decreto de Claudio as honras do triumpho.

A menina seguia o carro do triumphador; mas terminadas as festas, não sabendo que fazer dela, pois em vista da sua qualidade de refem não podia ser considerada como escrava, resolveu confiá-la a sua irmã Pomponia Grecina, mulher de Plaucio. E foi na casa desta, onde todos são virtuosos, que Ligia cresceu tão virtuosa como a mesma Pomponia...

— E daí?
— Repit-te que lhe quero até á loucura. Ao voltar da Asia passei uma noite no templo de Mopso, e este deus appareceu-me em sonhos e predisse-me que o amor

Ainda a Romagem a Eixo POR AVEIRO

(Continuado da 1.ª página)

mosura de um pedaço de terra que o destino confiou à minha guarda e em reverdeci enquanto o consagra ao resplendor de S. Francisco de Assis, o profeta sublimado da simplicidade e da pobreza; foi para esclarecer e avigorar o meu apagado pensamento, chamando-o a um mais estreito contacto com a natureza e as suas lições, foi para menos contingentemente adormecer no silêncio as paixões, aquietar a consciência e ouvir o conselho da sabedoria do cavador e da ingenuidade das aves; foi para pedir confiadamente à sombra das árvores e à sua fortaleza incorruptível que onde por minha humildade não podia participar de toda a sua divina essência e dos seus dons, por oculta misericórdia não me fosse enfeitada como indigna da magestade das árvores a oração singela e incessante em que por sua intercessão balbucio o meu louvor ao Ser de perfeição de que as árvores são abençoadas mensageiras.

Peregrino mortificado das pedras ásperas da estrada para a qual o acaso me encaminhara, aqui pousei no ermo a curar as feridas com os bálsamos mlagrosos do silêncio e da solidão que de muita amargura me salvaram. Não foi, porém, tão ímpia a clausura que por um só momento desconhecesse ou olvidasse, ingratamente, a caridade dos afagos que haviam sido o meu baptismo na verdade eterna e o amparo dos meus primeiros passos. Quanto a minha infância e a minha mocidade constituíram e herdaram e quem e aquilo que elas receberam e as dotaram, tudo guardei lealmente no melhor lugar da minha lembrança, através de todas as vicissitudes da minha vida, contrárias ou benignas que elas fossem.

A minha dívida é grande, toda está por pagar e só a vossa liberalidade poderá remir o que por haveres meus não posso retribuir. Mas se à hora do crepúsculo me reanimais oferecendo-me aqui na vossa amizade a plenitude da vida, para que eu aviste a luz e no seu fulgor me exalte antes que a noite se me cerre totalmente, se este viático redentor me ministras, certamente algum mistério de consubstanciação nos uniu.

Não pode ser por imposição de merecimentos meus que vos movestes, pois merecimentos meus não há que louvar ou sequer distinguir onde de todo me falecem. Em verdade vos confesso que assás e de perto tive a fortuna de apreciar a grandeza gigantesca dos meus mestres que foram Herclano, Antero de Qental, Al-

berto Sampaio, Oliveira Martins e todos os mais seus companheiros dessa falange portentosa, gloriosamente insigne que educou a geração a que pertencemos; assás e de perto pude erguer os olhos à grandeza real desses eleitos para que sem sombra de ilusão haja medido e chorado a exiguidade da minha estatura.

Se alguma força latente e tenaz inclinou para a minha morada a vossa amizade e me trouxe benções suavíssimas, não está em mim a fascinação que vos guiou, não está na minha face nem em actos meus que do vulgo me apartem para me isolar em qualquer altura singular; está nos céus onde brilha a fé que nos iguala e nos arrebatou, está na obediência aos princípios de simpatia, caridade, probidade, sinceridade, trabalho, tolerância, modéstia e justiça que nos dominam, está na persistência e ansiedade com que todos colaboramos, em quanto o nosso valor pode abranger, na edificação da cidade cristã, reduto único e eterno mercê da fortaleza inexpugnável do qual já uma vez se salvaram da degradação e da ruína as sociedades precipitadas em desvairamento e que hoje é novamente a ancora única que entre a tormenta firmará no seu pósto as nações do nosso tempo angustiadas nas guerras da descrença.

Não foram interesses efémeros da existência que nos uniram por seus traçozeiros laços inconsistentes; não foram vaidades, orgulho, avareza, ambições terrenas e os seus combates, cegueiras, ilusões e desenganos que nos juntaram. Foi o respeito da dignidade dos homens e a obediência a Deus, foi a adoração do eterno que desceu a encarnar em o nosso ser aquela força subtil e omnipotente que nos ajoelhou no mesmo altar a comungar da hóstia do Amor impercível. E, afinal, o que determinou os impulsos da amizade que me cerca e aqui me tem vencido, o que vós viestes a louvar e enaltecer em vosso clamor de vitória e alegria em que exultamos, é apenas a vossa própria nobreza que se ergue. Se da minha humildade a aproximastes, foi porque em horas de visão débilmente lhe respondi e tentei interpretar na minha consciência a aparição e na confusão velada dos frouxos cantos do meu mister literário quiz traduzir um éco da sua voz poderosa e o seu mandado.

Não foram as minhas acções que vos obrigaram; fostes vós que sentindo na fidelidade do menor serviço da vossa crença um reflexo tímido da vossa alma alada e rutila, logo a avistastes

e devotadamente a saudastes no mais rasteiro e breve dos seus vãos pois que em minhas forças não cabia ergue-la alto em todo o seu fulgor.

Para vos retribuir as beatitudes com que pela vossa indulgente generosidade me ungiu o peito dorido da longa jornada que o destino lhe marcou, quize eu que neste momento o milagre me revestisse da divindade de Jesus e com Ele e por suas palavras sacrossantas vos inflammasse em seu Espírito e vos anunciasses e vos inspirasses a salvação de todo o mal repetindo: «A paz vos deixo, minha paz vos dou. Não vo-la dou como a dá o mundo...»

Mas, ai de quem por sua condição foi votado à fraqueza irreversível!... E' sua lei e seu martírio sonhar em vão o feito dos eleitos e os desejos mais justos e arrojados mudam-se em penas que a impotência lhe crava em todos os seus passos.

O guerreiro antigo coroava a vitória pelo triunfo em que ostentava e expunha as riquezas apressadas ao vencido e os escravos subumbidos que violentamente sujeitara, arrancando-os da sua pátria.

Por minha vez também e por vitória, seja a vossa amizade o meu triunfo e sejam os seus dons as presas diamantinas dos meus combates; e escravos um só haja, submisso e contente nos seus ferros, com orgulho os sentindo e os estreitando, escravos seja eu só, para todo o sempre, da gratidão que vos devo e vos presto, infinitamente.

Aos meus irmãos do berço e aos meus vizinhos como igualmente aos peregrinos que de longe vieram e se lhes juntaram para aqui me erguerem do cansaço dos meus anos, pondo à minha porta este arraial, luzido e comovente, de cândida amizade e suprema beleza; — a cidade de Aveiro e a vila de Eixo, aqui representadas e presentes pelas suas digníssimas autoridades e corporações e pelos mais nobres dos seus filhos; — aos seus hóspedes que fidalgamente lhes ouviram o convite e nos honraram aceitando-o; aos professores muito ilustres das Faculdades de Letras da Universidade de Lisboa e da Universidade de Coimbra que tão generosamente e por tantos modos hoje me absolveram da fraqueza do meu tímido culto da religião que me ensinou aquela minha mãe espiritual muito amada que me formou na contemplação das verdades eternas; — aos meus companheiros da imprensa cujo labor admirável de contínuo engrandece a nossa pátria, por quanto e há tantos anos ela me fortalece e me

penhora com sua benevolência fraternal e indulgente; — a vossa piedade, Amigos! entrego todo o meu coração, prostrado e humilde na mais absoluta gratidão.

Notas

Na sessão da Junta de Freguesia de Eixo, tomou a presidência o Sr. Dr. Diniz Severo, que convidou, a descerar o retrato do homenageado, a neta deste, D. Maria Cardal Azevedo Lima.

Depois de ter falado o Sr. Dr. Alfredo Coelho de Magalhães, que proferiu a eloquente oração que publicamos no numero passado, o Sr. Dr. Diniz Severo entregou o retrato à Junta de Freguesia, a cuja guarda foi confiado, tendo proferido palavras de respeito e admiração pelo Dr. Jaime Lima. O Professor João de Pinho Brandão agradeceu a oferta e referindo-se ao homenageado, comovidamente assinalou os seus méritos e a honra de ali guardarem a fotografia que lhes fora oferecida, comemorando assim uma data tão festiva.

A comissão popular que organizou com tão grande êxito a festa em honra de Jaime Lima, pelo que é digna dos nossos maiores elogios, pois não se poupou a sacrifícios de toda a ordem, era composta pelos Srs:

Presidente — Manoel Maria Moreira.

Vogais — Anselmo Ferreira, Francisco Augusto Duarte, Firmino Fernandes, João Garmelas, Manoel Lopes da Silva Guimarães, José Migueis Picado, Licínio Pinto, António de Pinho, José de Pinho, João de Pinho Nascimento, Firmino Pascoal.

A comissão mostra-se muito reconhecida a todas as pessoas que a auxiliaram e concorreram para o brilhantismo da homenagem ao ilustre escritor aveirense.

Da Comissão Popular das festas de homenagem ao Dr. Jaime de Magalhães Lima, recebemos o seguinte, com o pedido de publicação:

AGRADECIMENTO

A natural debilidade da minha velhice e a pressão das enfermidades que lhe são inerentes não me permitem agradecer individualmente, como era minha obrigação e meu desejo, às pes-

soas de todo o meu respeito, quer singulares quer corporativas, os testemunhos de carinho e estima com que me honraram e fundamente me penhoraram e confundiram na sua afectuosa visita ao meu ermo em 17 do corrente mês de Junho.

Seja-me pois permitido recorrer a esta confissão pública para lhes assegurar a minha impercível gratidão pelos inumeráveis favores e gentilezas de amizade que nesse dia me prodigalizaram com uma generosidade sem limites.

A cidade de Aveiro e à vila de Eixo, aos seus eloquentíssimos intérpretes, às suas digníssimas autoridades e corporações, e a todos os seus nobilíssimos filhos, de todas as classes, que por qualquer forma me distinguiram com sinais da sua afeição; aos seus hóspedes e vizinhos que a seu convite se lhes juntaram e pelas suas liberalidades me desvaneceram e verdadeiramente me prenderam; aos muito ilustres e venerados professores das Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa e de Coimbra cujos talentos por extrema condescendência não duvidaram considerar as minhas pobres obras e a minha vida; à imprensa e aos seus inteligentes obreiros incansáveis, à infinita bondade dos quais devo e sempre devi incitamento e alento que perdoando-me as faltas me afoita a prosseguir enquanto me penhora e me comove: — a quantos, enfim, com a sua amizade me engrandeceram naquele dia para sempre lembrado e caríssimo ao meu coração reconhecido, prometo guardar a mais firme e inquebrantável gratidão.

Muito reconhecimento merece da nossa parte o governo.

Visita ministerial. — No dia 18 do corrente, vindo do Porto, onde fôra com outros membros do governo e com o Chefe do Estado a assistir à inauguração da Exposição Colonial, visitou Aveiro o Sr. Ministro da Guerra, Major Luiz Alberto d'Oliveira, que fez a sua viagem de automovel acompanhado pelos seus ajudantes e chefe do gabinete.

Foram esperar S. Ex.^a à passagem de nível de Esgueira o Sr. Governador Civil, Secretário Geral, Comandante da Polícia, Presidente da Câmara e alguns vereadores, Representantes da Junta Geral do Distrito, Representante da União Nacional, Comandante Militar e o Sr. General Comandante da Região Militar, acompanhado dos seus ajudantes, que vieram de Coimbra também de automovel. As 11 e meia chegou o ilustre visitante que logo, apoz os cumprimentos, se dirigiu, acompanhado por muitos automoveis que conduziam as personalidades que o esperavam, ao quartel de cavalaria, onde era aguardado pelo

Sr. Jacinto eram aguardados pelo Sr. Comandante e mais oficiais de Aviação, que gentilmente mostraram todas as dependências e instalações, hangares, oficinas, etc., aos visitantes, oferecendo-lhes um Porto de honra.

Depois foi feita a visita às obras da Barra, sendo todos acompanhados pelos Sr. Valdemar Cruz, empreiteiro, e pelo Sr. Engenheiro Abecassis, que de tudo davam as necessárias explicações. Foi utilizado o *Decauville* que conduziu os visitantes até ao extremo das obras, sendo interessante o trabalho do tintan que ali funciona, e o dos escavadores, que fizeram várias demonstrações curiosas.

Terminada a visita, desembarcaram todos no Forte, seguindo para Aveiro em automoveis e dali até Esgueira, onde se fizeram as despedidas ao Sr. Ministro da Guerra e comitiva.

Ainda acompanharam os nossos hóspedes até Albergaria, o Sr. Governador Civil e outras pessoas. Todos os que nos visitaram iam encantados com o passeio na ria e com a nossa original paisagem.

Festa a Santa Filomena. — Realiza-se no próximo domingo dia 8 a festa a Santa Filomena na igreja de S. Domingos; de manhã há missa cantada, às 11 horas, às 6 da tarde Exposição sermão e ladainha.

esquadrão formado. Passada a revista da ordem, S. Ex.^a entrou no Quartel cujas dependências visitou demoradamente, indo de ali ao Quartel de Infantaria 19, onde esteve até às 14 horas. D'ali seguiu para o Parque onde o Sr. Governador Civil lhe ofereceu um almoço, que teve lugar na Casa do Chá, com uns 50 convivas, vendo-se na mesa de honra o Sr. Ministro da Guerra que dava a sua direita ao Sr. Governador Civil e a esquerda ao Sr. Coronel Joaquim Torres, digno Comandante Militar, tendo na sua frente o Sr. Presidente da Câmara, que dava a sua direita ao Sr. General Comandante da Região Militar e a sua esquerda ao Sr. Dr. Querubim Guimarães, vice-presidente da Comissão Distrital da União Nacional.

Almoço. — Ao champagne falou o Sr. Governador Civil, que leu um interessante discurso de boas vindas, ao Sr. Ministro da Guerra, precedido de calorosas saudações aos Srs. General Carmona e Dr. Oliveira Salazar, que foram muito aplaudidos.

Falou depois o Sr. Coronel Joaquim Torres que saudou o Ministro e que lhe afirmou a lealdade dos elementos militares de Aveiro. Por último brindou ao ilustre hospede o Sr. Dr. Querubim Guimarães, como representante da União Nacional, salientando a aliança desta força civil com o Exército, que fez o 28 de Maio, para ambos tornarem estavel uma situação que tem servido para restituir a Portugal o nome que havia perdido.

A todos estes brindes respondeu o Sr. Ministro da Guerra, num improviso eloquente, agradecendo as honras que lhe tributavam e ao governo que ali representava, fazendo novamente o elogio de Salazar, e referindo-se a Aveiro, onde vinha pela primeira vez, com palavras carinhosas de admiração e simpatia.

Terminado o almoço, dirigiu-se o Sr. Ministro da Guerra e todos os presentes ao Cais do Rocio, onde embarcaram na lancha do Turismo em direcção a S. Jacinto e Barra.

Em S. Jacinto eram aguardados pelo Sr. Comandante e mais oficiais de Aviação, que gentilmente mostraram todas as dependências e instalações, hangares, oficinas, etc., aos visitantes, oferecendo-lhes um Porto de honra.

Depois foi feita a visita às obras da Barra, sendo todos acompanhados pelos Sr. Valdemar Cruz, empreiteiro, e pelo Sr. Engenheiro Abecassis, que de tudo davam as necessárias explicações. Foi utilizado o *Decauville* que conduziu os visitantes até ao extremo das obras, sendo interessante o trabalho do tintan que ali funciona, e o dos escavadores, que fizeram várias demonstrações curiosas.

Terminada a visita, desembarcaram todos no Forte, seguindo para Aveiro em automoveis e dali até Esgueira, onde se fizeram as despedidas ao Sr. Ministro da Guerra e comitiva.

Ainda acompanharam os nossos hóspedes até Albergaria, o Sr. Governador Civil e outras pessoas. Todos os que nos visitaram iam encantados com o passeio na ria e com a nossa original paisagem.

Ourivesaria Vilar

Oculos, lunetas, lentes especiais por receita médica, lentes vulgares para todas as dioptrias, montagens em todos os sistemas, concertos nos mesmos, :: OFICINA E OURIVESARIA VILAR

Rua José Estevam — Em frente ao Banco de Portugal — AVEIRO ::

10 QUO VADIS

produziria na minha vida uma revolução profunda.

— Onvi dizer que Plínio não cria nos deuses, mas acreditava nos sonhos. E' possível que Plínio acerte e tenha razão...

— Ah! Petronio! Vejo que é mais fácil filosofar, que dar um conselho.

— Vá, desabafa, dize-me o que queres.

— Quero unir-me a Ligia, torná-la minha esposa. Quero te-la em minha casa até que a minha cabeça alveje como o cume do monte Soractes no inverno.

— Posto não seja escrava, faz parte da « família » de Plaucio; é orfã, sim, mas em todo o caso deve ser considerada como pupila dele e por isso Plaucio pode ceder-te.

— Tu não conheces Pomponia Grecina. Demais a mais, marido e mulher querem-lhe como se fôra sua filha.

— Sim, conheço Pomponia. Desde a morte de Julia nunca mais deixou de vestir de luto e dá ares de uma pessoa que caminha por um campo coberto de abroteas. E', entre as nossas damas, uma verdadeira áve fenix... E a propósito, assegurem-me que no alto Egipto appareceu uma destas áves, coisa que só succede de quinhentos em quinhentos anos.

— Mas quê, Petronio? Falaremos da áve fenix para outra vez.

— Que me queres, Marcos!? Conheço Aulo Plaucio, que embora não approve a minha vida, tem por mim especial simpatia e até creio que me quere bem, porque sabe que eu nunca fui um delator da bitola de Domicio Afer, de Tigelino, e de toda essa caterva de bandidos que fazem cortejo a Barba-ruiva. E além disso, sem querer passar por estoico, às vez-s condenei actos de Nero com que Seneca e Burro se mostravam indulgentes. Se julgas que te posso ser prestável em alguma coisa, estou às tuas ordens. Posso falar a Plaucio.

— Aceito o teu oferecimento. Aparte o ascendente

11 QUO VADIS

que sobre ele tens, és dotado de um caudal inexaurível de engenho e espirito, e és fértil em inventar expedientes. Creio, pois, que será bom que, depois de ter reunido todos os antecedentes do caso, fales a Plaucio.

— Exageras a minha influencia e o meu talento; mas, seja como queres, prometo ir visitar Aulo e falar-lhe, quando ele voltar para a cidade.

— Já voltou há dois dias.

— Bem. Então passemos ao « triclinio », onde nos espera o almoço, e depois iremos a casa de Plaucio.

— Fui sempre teu amigo — exclamou Vinicio; — mas agora porei a tua estatura no meio dos meus deuses lares, oferecendo-lhe sacrificios todos os dias... Será uma estátua formosa como esta.

E ao dizer isto, apontou para um Hermes que empunhava um caduceu e no qual tinham sido reproduzidas as formas de Petronio.

E este, pondo com affecto a mão sobre o ombro de Vinicio, levou-o para o « triclinio ».

CAPÍTULO II

Em casa de Aulo Plaucio

Terminada a refeição a que deram o nome de almoço, e que os dois amigos começaram à hora em que os simples mortais tinham já terminado a refeição da tarde, Petronio pediu licença a seu sobrinho para dormir a sesta.

— Ainda é cedo, — disse-lhe, — para fazer visitas. Verdade seja que alguns seres originaes começam as suas visitas ao despontar do sol. E' um antigo costume romano, aliás muito respeitável, que eu peço licença para considerar oriundo de raças selvagens. Não te parece que a hora mais adequada e própria para as visitas é a hora em que o Sol desce para os lados do templo de Jupiter Capitolino iluminando obli-

Eixo — Quinta de S. Francisco, 20 de Junho de 1934.

Jaime de Magalhães Lima